



Processos de expansão lexical da libras no ambiente acadêmico

HADASSA RODRIGUES SANTOS

RESUMO

O presente artigo apresenta os postulados teórico-metodológicos da pesquisa desenvolvida por Santos (2016)¹ sobre a expansão lexical da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a partir da análise de ocorrências neológicas emergentes no contexto acadêmico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), a fim de identificar processos que permitem a ampliação lexical na modalidade visuoespacial. Para tanto, ressaltou-se a relação entre os dados obtidos na pesquisa e a fundamentação teórica sobre a expansão lexical da Libras, apresentada por estudiosos do tema como Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo Silva e Sell (2009), Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2010), Pizzio (2011), Castro Júnior (2014), entre outros autores consultados. Contemplando o objetivo da pesquisa, os processos neológicos identificados no corpus foram classificados como “processos semânticos”, “processos composicionais”, “iconicidade”, “empréstimo estereotipado” e “empréstimos por transliteração”. Propôs-se ainda novo processo morfológico em Libras, sugerindo uma classificação inédita: a “ancoragem lexical”. Neste artigo, abordaremos, especificamente, esta nova proposta apresentada por Santos (2016). Pretende-se, com isso, oferecer subsídios para a compreensão da estrutura e do funcionamento do léxico da Libras, de línguas de sinais e, sob perspectiva mais abrangente, de línguas naturais.

INTRODUÇÃO

Um aspecto fundamental de qualquer língua é a possibilidade que tem, por diferentes recursos, de ampliar e renovar seu léxico. Bagno (1999) afirma que a língua é viva, dinâmica, em constante movimento. Para o autor, toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. Assim, a língua de sinais, como qualquer outra língua, encontra-se em plena renovação de seu acervo lexical.

Sabe-se que, para satisfazerem as exigências discursivas, os falantes, muitas vezes, lançam mão de recursos que dão caráter inovador ao ato comunicativo, como, por exemplo, os neologismos. Graças à necessidade comunicativa e à escassez lexical, o falante é motivado a criar novos itens lexicais, ampliando o vocabulário e atendendo as exigências impostas pelas situações comunicativas de seu cotidiano.

A criação de novos sinais², além da relação direta com a vivacidade linguística, vincula-se às variadas transformações que ocorrem a todo

1. SANTOS, Hadassa Rodrigues. Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Letras e Língua Portuguesa, Belo Horizonte, 2016

2. Os sinais correspondem aos itens lexicais de línguas sinalizadas e são articulados pelas mãos do falante. Pesquisadores da área preferem o termo “sinal” no lugar de “palavra”, embora, ambos essencialmente denotem o mesmo tipo de entidade. A validade cultural e psicolinguística dos sinais é equivalente à de palavras em línguas orais; assim também estruturalmente, um sinal consiste em diversas unidades formativas com dupla articulação (ZESHAN, 2001).

HADASSA RODRIGUES SANTOS

Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Bolsista de Mestrado do CNPq.

momento no tecido social, sejam elas de natureza econômica, política, técnica, científica, literária, etc. A esse respeito, Mandelblatt et al. (2012) fazem menção ao aumento de estudantes surdos no Ensino Superior no Brasil, nas últimas décadas, quando os sujeitos envolvidos no processo veem-se desafiados a criar itens lexicais, em Libras, que deem conta do universo conceitual correspondente às diferentes áreas curriculares de seus respectivos cursos.

As autoras consideram tratar-se de um desafio vivido principalmente pelos estudantes surdos, "tanto na tentativa de construir sentido das informações que lhes são passadas pelos tradutores/intérpretes de Libras que atuam nas salas de aula, quanto nas tentativas de compreender os textos acadêmicos que precisam ler em cada disciplina" (MANDELBLATT et al., 2012, p. 91). Tal desafio é experimentado ainda pelos profissionais intérpretes de Libras, na busca de encontrar estratégias discursivas na modalidade linguística para transmitir conceitos atinentes aos vários campos de conhecimento, tanto no trabalho de interpretação simultânea em sala de aula quanto na tradução de textos acadêmicos para Libras.

Com o novo quadro social, os surdos passaram a ocupar o ambiente acadêmico no qual permeia o contato linguístico entre o Português e a Libras. Assim, estão expostos a vocábulos específicos e técnicos, restritos às diversas áreas de formação do Ensino Superior. Notam-se, nesse contexto, inúmeras produções ne-

ológicas expressando verbetes sem representação linguística na modalidade visual e, geralmente desconhecidos dos falantes da Libras, por historicamente não integrarem os espaços educacionais.

Diante do exposto, a relevância de trabalhos que visam à descrição lexical da Libras se explica pelos inúmeros estudos morfológicos de produtividade lexical das línguas na oralidade, sobre os quais, há anos, pesquisadores dedicam-se a investigar; contudo, em línguas sinalizadas, há um quadro diferente: os aspectos morfoqueroológicos da língua são pouco investigados e os estudos, recentes e precursores.

1. ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA MODALIDADE VISUOESPACIAL

Por meio de combinações finitas de sons, o ser humano é capaz de produzir palavras, sentenças e discursos, expressando seu próprio pensamento ou compreendendo o das outras pessoas. O notável é que tais sons podem ser substituídos por sinais entre os falantes das línguas de modalidade visuoespacial, sem que a capacidade da linguagem seja alterada, em consonância com a perspectiva de Hauser et al. (2002) sobre a linguagem humana como um fenômeno cognitivo, inato a qualquer indivíduo, configurando-se em um sistema organizado segundo princípios e regras que geram expressões linguísticas de maneira ordenada e previsível.

Kenedy (2013) destaca que a forma de expressão linguística é tipicamente uma cadeia sonora, mas também pode ser visual, como acontece com as línguas sinalizadas. A capacidade linguística de uma falante independe dos diferentes meios de expressão ou de sua performance linguística, que diz respeito ao uso concreto de uma língua em tempo real. Chomsky (1995, p. 434) admite essa capacidade:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, os problemas obscuros relacionados à interface [...] conceitual-intencional é ainda mais. O termo "articulatório" é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas.

O desenvolvimento linguístico de um indivíduo surdo transcorre naturalmente pela faculdade da linguagem, contudo em modalidade distinta da oral. Em vez de usar o canal oral-auditivo, a língua de sinais se expressa pelo canal gestual-visual. É preciso considerar que a comunicação não se desenvolve por mera pantomima ou gesticulação, mas por meio de uma língua sinalizada.

As línguas de sinais apresentam estrutura e regras gramaticais próprias.

São consideradas naturais porque surgem "espontaneamente da interação entre pessoas e, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do falante" (FERREIRA-BRITO et al., 1998). Uma língua sinalizada é, portanto, um sistema linguístico legítimo que independe das línguas orais e atende de modo eficaz às necessidades de comunicação do ser humano por ser dotada de complexidade e expressividade.

Compartilhada coletivamente, cada língua sinalizada organiza-se gramaticalmente com elementos constitutivos de itens lexicais que se estruturam nos níveis querológico, morfológico, sintático e semântico e seguem princípios básicos gerais. As línguas de sinais também apresentam componentes pragmáticos convencionais, permitindo a seus falantes expressar sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais, integrando-os nas várias situações comunicativas cotidianas. Em Viader et al. (1999, p. 47), a língua de sinais, "usando sua estrutura, sintaxe e gramática, sem o uso simultâneo e alternativo da língua falada, se expressa com elementos prosódicos e reflexões próprias".

Assim, as línguas sinalizadas são plenas e vivas, ampliam-se naturalmente a fim de atender a novas necessidades comunicativas e expressivas de seus usuários, a exemplo de qualquer outra língua (HULST, 1995).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS PRELIMINARES DA ANÁLISE

Inúmeros trabalhos corroboram a afirmação de que as línguas de modalidade gestovisual contêm princípios subjacentes de construção semelhantes aos das línguas orais. Por tal razão, consideramos ser possível identificar e descrever processos morfológicos que corroborem para a identificação de alguns padrões na formação de itens lexicais da Libras mediante análise dos dados.

Para alcançar esse objetivo, propusemo-nos a identificar os processos de expansão lexical atinentes à Libras, a partir da análise de um conjunto de novos sinais emergentes no ambiente acadêmico da PUC-MG, para referenciar tanto itens lexicais do vocabulário comum da Libras quanto criações de sinais-termo, que denotam conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber.

Considerou-se nas análises linguísticas que a diferença entre as modalidades oral-auditiva e visuoespacial está diretamente ligada às produções de fenômenos que distinguem entre si essas línguas. Tal entendimento levou-nos a uma problemática: os processos que permeiam a expansão lexical em línguas orais são os mesmos que ocorrem nas línguas de sinais? Consideramos a existência de processos se-

melhantes, contudo levantamos a hipótese de processos específicos para cada modalidade.

Em função da especificidade do objeto, procedeu-se à constituição da amostra, ocorrências de novos sinais da Libras derivadas de alunos surdos e dos profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) presentes na instituição. Foram feitas entrevistas com oito alunos surdos e 10 TILS. A coleta dos dados deu-se por meio de entrevistas com gravação audiovisual, feitas individualmente e, sempre que possível, com o par aluno-intérprete no mesmo momento. Após a realização das entrevistas, empenhamo-nos no trabalho de transcrição dos vídeos para a construção da base de dados. Das diversas ocorrências léxicas dispostas pela interação com os informantes, o corpus da pesquisa é composto pelo conjunto de 60 ocorrências neológicas da Libras.

Os processos de expansão lexical contemplam mecanismos neológicos de ordens fonológica, sintática ou morfológica e semântica abordados no quadro teórico da dissertação de Santos (2016); assim, a análise do corpus demonstrou a criação de novos sinais por "processos semânticos", "processos composicionais", "iconicidade", "empréstimo estereotipado" e "empréstimos por transliteração".

Discorreremos sobre o processo criativo em Libras aferido na pesquisa de Santos (2016), sugerindo uma classificação nova: a "ancoragem lexical".

3. PROPOSTA DE UM PROCESSO DE ANCORAGEM LEXICAL

A análise dos dados da pesquisa realizada por Santos (2016) atesta a produtividade lexical emergente do processo linguístico atinente ao falante da Libras denominado “ancoragem lexical”. Optou-se por organizar os dados nessa nova categoria com o único intuito de evidenciar alguns aspectos relevantes sobre a formação morfoquerológica dos sinais, resultantes da observação e da análise linguística realizada em seu trabalho. Essa proposta vem ao encontro da premissa de que o léxico das línguas é particularmente rico em significado múltiplo, o que possibilita que novas unidades léxicas sejam formadas derivadas de uma combinação paramétrica.

Por “ancoragem lexical” compreende-se o processo linguístico no qual o falante apoia-se em uma base lexical existente para assimilar o neologismo – isto é, um núcleo morfoquerológico dos sinais. O resultado será um novo significante linguístico. As ocorrências léxicas resultantes deste processo se relacionam por campo lexical a partir de uma combinação paramétrica que possibilita derivar novos sinais.

Pesquisas realizadas sobre a Libras, como a de Facundo (2012), já observaram certa regularidade na formação dos sinais em Libras quando derivados de um mesmo campo lexical, por exemplo, a formação dos sinais referentes a Curso, Pedagogia e Magistério. Esses sinais são articulados com a configuração de

mãos relacionada com a letra inicial de cada item lexical em Português, e identifica-se uma base comum compartilhada por todos. Apresentam um mesmo tipo de movimento retilíneo, que se inicia no braço, com término no antebraço, articulados em uma mesma locação. Assim, os sinais exemplificados apresentam contraste a partir da alteração de apenas um parâmetro articulatório. A autora assemelha tal comportamento a processos verificáveis no Português Brasileiro. Facundo (2012) assinala como exemplo termos do campo educacional: o vocábulo “educação” é o termo primitivo que motivou palavras como “educador”, “educando” e “educandário”.

Para as línguas de sinais, Quadros e Karnopp (2004) comentam sobre um experimento que comprovou que as decisões lexicais, e outras respostas lexicais, são mais rápidas quando uma palavra é previamente vista, quer dizer, quando duas palavras são variantes morfológicas uma da outra (caminhando, caminho), em que as bases encontradas na identificação dos sinais são as mesmas. Assim, a decisão lexical é mais rápida, indicando que um simples morfema-base é ativado. (EMMOREY, 2003, p. 131, apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 96).

Tal possibilidade é também aferida nos estudos de Faria-Nascimento (2009). A autora propõe que o radical em Libras seja equivalente ao que denominou “base-presas” ou ainda “morfema-base”, sendo que “a estrutura BASE que equivale ao morfema-base, à base-presas ou a radicais é constituída, normalmente, por configu-

ração de mãos - CM, orientação da palma - Or e ponto de articulação - PA" (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97). A noção de "morfema-base" é retomada na pesquisa de Castro Júnior (2014) com a definição de "mão pensante" ou "base paramétrica". A conceituação de "mão-pensante", é apresentada como o "modo como os indivíduos surdos que dominam a Libras organizam as condições paramétricas e produzem os sinais-termo e efetivamente concebem ações cognitivas" (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 87).

Inicia-se por meio de uma base paramétrica de um determinado referente, como um esboço, em sua grande maioria representado por meio de uma configuração de mão, limitada e distintiva que busca e possibilita a criação e a identificação de sinais-termo, reinterpretando-os à medida que o léxico é ampliado, numa espécie de processamento visual e consciente do conceito do significado e do significante do sinal-termo (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 87).

A observação dos dados indica que comportamento semelhante ocorre na construção morfológica de itens lexicais no corpus, apontando a criação de sinais que se relacionam pelo pertencimento a um mesmo campo lexical, o que nos possibilitou inferir, por esse processo, a delimitação de um núcleo paramétrico derivacional em Libras.

Essa noção do núcleo morfoquero-lógico derivacional ratifica a concepção do "morfema-base" de Faria-Nascimento (2009), porém a delimitação dos parâmetros que compõem a base lexical como

é apontado pela autora, a saber: CM, Or e PA (ou L), é ampliada na proposta que apresentamos, tendo em vista o comportamento da amostra coletada. Além disso, a proposta de um núcleo derivacional vai ao encontro do que Castro Júnior (2014) assume como "base paramétrica".

Concordamos com Castro Júnior (2014) ao afirmar que as palavras nas quais há uma arbitrariedade relativa são caracterizadas como casos de motivação, sendo a motivação a relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, aproveitando a própria estrutura do termo, um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um motivo para assumirem uma forma em vez de outra.

É notável na Libras que a motivação em grande parte seja morfológica e esteja relacionada aos processos de formação e, por isso, assimilamos uma base paramétrica ou núcleo morfoquero-lógico que funciona de modo similar ao radical em línguas orais e os seus respectivos elementos componentes que variam e formam significados distintos.

Esse modo de construção morfológica nos leva a inferir que existem parâmetros articulatórios que apresentam maior estabilidade em detrimento de parâmetros mais flexíveis, portanto, à superfície. De sorte que a observação dos dados resultou em uma proposta de delimitação dessa porção mais estável e invariável dos sinais da Libras; em outras palavras, na identificação de um núcleo morfoquero-lógico derivacional.

Conforme as premissas apresentadas por Liddell (1984) e Liddell e Johnson (1989), compreende-se que os sinais são formados por segmentos, do tipo “movimento” ou do tipo “suspensão”, e a cada segmento tem-se a junção de traços articulatorios. Assim, a construção morfoquerológica se dá a partir de um segmento de parada ou de movimento combinado aos demais parâmetros articulatorios:

M(segmento) [L + CM + Or + ENM]

Aqui, particularmente, propomos mediante a assimilação de um processo de “ancoragem lexical” a discretização do núcleo morfoquerológico, que constitui o elemento mais estável e com conteúdo semântico dos sinais, concebemos, portanto, um núcleo paramétrico derivacional, conforme disposto a seguir:

M (suspensão/movimento) + L (Linicial + Lfinal) + CM + Or para a frente para a esquerda para a direita

A observação dos dados demonstra uma frequência com que se mantém na criação de novos sinais, a combinação paramétrica [M + L + CM]. E, de modo específico, a unidade paramétrica que mais sofreu alteração para uma ampliação de significado foi a configuração de mãos – CM.

A frequência de alteração da CM combinada ao núcleo paramétrico para a expansão lexical é notável e denota que essa unidade está mais à superfície

na estrutura morfoquerológica da Libras. Sobre isso, Luchi (2013) salienta que as configurações de mãos podem conter também “pistas de sentido e significado para as derivações e flexões que possam ocorrer com elas a depender dos outros parâmetros que lhes serão afixados (agregados), como o movimento, a locação e a orientação de mão” (LUCI, 2013, p. 27).

Cumpre-nos, então, apontar que os sinais da Libras são formados a partir desse núcleo morfoquerológico, apresentando maior frequência de estabilidade na combinação paramétrica [M + L (Linicial + Lfinal)] + CM(Or), ampliando a proposta inicial de Faria-Nascimento (2009) da existência da “base-presa” na Libras, contendo a informação semântica, o conteúdo.

A proposta do processo de “ancoragem lexical” também sugere relações interessantes nessa combinação paramétrica. Liddell e Johnson (1989) já observaram que em ASL, se o segmento do sinal é do tipo “movimento”, isto implica alteração no parâmetro L (locação), de modo que a Linicial será diferente da Lfinal. Em contrapartida, segmentos de “parada” resultam na igualdade entre a Linicial e a Lfinal. Os teóricos também admitiram que o traço L gera a realização de um determinado tipo de movimento, por exemplo, o que determina se a forma do movimento delinea um círculo completo é o fato de o movimento começar e terminar no mesmo ponto, neste caso, de apresentar a mesma especificação para L tanto na fase inicial quanto na final. Pode-se dizer, então, que há uma relação de dependência e condicionamento entre a

combinação paramétrica M e L. Isso confirma o que nos diz Oliveira (2015), sobre o Movimento e a Locação, enquanto articuladores de segunda ordem, não podem ser realizados de modo isolado e, portanto, partilharem dessas relações.

Outra relação de condicionamento é observada entre CM e a Or. Viu-se no corpus que a CM condiciona alterações na direcionalidade da palma da mão na articulação do sinal, isto se dá até mesmo por uma limitação anatômica de seus articuladores. De maneira que Or parece compor o parâmetro CM; portanto, as orientações são elementos da composição querológica. Com isso, também aferimos a concepção apresentada por Oliveira (2015) sobre as configurações de mãos como articuladores de primeira ordem não ocorrem sozinhas, não é possível realizar uma configuração de mão sem a sua orientação. Assim, CM é realizada na Libras composta por seis possibilidades de orientação da palma da mão.

Tome-se como exemplo extraído da amostra a criação do sinal de INVESTIMENTO, realizado por dois informantes de maneira distinta: o primeiro sujeito baseou-se no sinal existente para VERBA e acrescenta à base lexical do sinal a CM 66, equivalente à letra "I", cuja motivação advém da ortografia da palavra em Português. Contudo, o sinalizante manteve os demais parâmetros de articulação do sinal originário.

O segundo sujeito demonstrou que a formação do referido sinal dava-se pela alteração também referente à CM do si-

nal inicial VERBA. Assim, fez um leve levantamento do quinto dedo da mão dominante, indicando uma forma da letra "I" e, conforme o primeiro sujeito, manteve a articulação dos demais parâmetros. Nota-se que ambos os falantes adotaram a mesma base lexical para expressar a noção de INVESTIMENTO, alterando apenas uma condição paramétrica, a CM.

Passemos a analisar o sinal coletado da amostra para se referir a CLIENTE a partir do processo de "ancoragem lexical". O informante apoia-se no sinal de EMPRESA, existente na Libras, alterando a CM 3 originária para uma CM 12 referente à letra inicial da palavra CLIENTE. A articulação núcleo morfoquerológico transcorre de modo idêntico ao sinal originador. Com caráter similar, o sinal formado para se referir a TURISTA utiliza como base o sinal do verbo PASSEAR, alterando-se a CM 57 originária para outra, CM 61, condizente com a letra "T".

Nota-se que nessas criações a presença de um núcleo paramétrico derivacional constituído de [M + L (Linicial + Lfinal)] + CM(Or) se mantém, visto que a informação contida nesse núcleo favorece a derivação de itens lexicais dentro de um mesmo campo lexical. Segundo Faria-Nascimento (2009, p. 112), a "expansão lexical pode partir do princípio de que os termos pertencentes ao mesmo campo semântico têm a possibilidade de se expandir a partir de uma mesma base". Portanto, o conteúdo semântico fica claro nessa progressão de sinais, em que o campo semântico é base para a criação.

Sabe-se que essas ocorrências levantam um questionamento interessante, a saber: qual informação está contida no parâmetro CM ao se juntar ao núcleo paramétrico dos sinais? Muito frequentemente, relações sistemáticas de significado entre palavras são codificadas morfológicamente. Nas línguas orais, por exemplo, há marcadores morfológicos que carregam noções de aspecto ou para operações de mudança de valência.

Em suma, a proposta de uma nova classificação para os processos de expansão de línguas sinalizadas, a “ancoragem lexical”, vem oferecer apontamentos para a continuidade de estudos que contemplem os níveis querológico e morfológico dessas línguas, viabilizando a delimitação de um núcleo paramétrico derivacional e também contribuindo para a noção de campos lexicais nessa modalidade linguística. Espera-se que a proposta de uma discretização do núcleo morfoquerológico derivacional seja levada em conta como evidência para a existência de categorias semânticas específicas expressa por tal núcleo.

Certamente, as relações observadas entre as unidades formacionais suscitam novas análises subsidiadas por outras amostras que atestem os resultados por nós aferidos. Considera-se imprescindível ampliar os dados para confirmar se essa proposta que se mostrou adequada para os itens lexicais emergentes no ambiente acadêmico da PUC-MG sustenta-se com outros dados, de outras áreas, em outras línguas de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada por Santos (2016) apresenta um caráter exploratório, por tratar de uma expansão, mesmo que modesta, no campo da Morfologia da Libras. Conforme apresentamos previamente, a finalidade em realizar a pesquisa justificou-se pelo considerável ingresso de surdos brasileiros em cursos de nível superior de ensino, o que trouxe à tona o interesse de observação do fenômeno de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico.

A partir da compilação e análise do conjunto de 60 ocorrências neológicas da Libras, identificaram-se processos produtivos em Libras semelhantes àqueles alcançados em línguas orais. Tais processos foram classificados por “processos semânticos”, “processos composicionais”, “iconicidade”, “empréstimo estereotipado” e “empréstimos por transliteração”. Neste artigo, buscou-se discorrer sobre a proposta do processo de expansão lexical da Libras, sugerindo uma nova classificação: a “ancoragem lexical”.

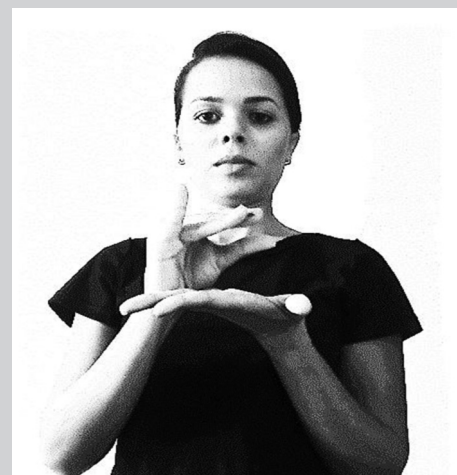
A proposta do processo de “ancoragem lexical” contribui para os estudos da morfologia de línguas sinalizadas por apresentar (a) uma discretização do núcleo morfoquerológico de Libras – núcleo paramétrico derivacional – e (b) na identificação de relações paramétricas de dependência e condicionamento. Destacamos as seguintes relações: relações de dependência e condicionamento entre a combinação paramétrica M e L e o condicionamento do parâmetro CM sobre Or.

Sob tal complexidade, os processos neológicos apresentados não se esgotam neste

trabalho; ao contrário, suscitam inúmeras questões atinentes à ampliação e à renovação do léxico de línguas de sinais. Aqui, concluiu-se que os mecanismos de criação, por sua vez, propiciam a organização do léxico e o estabelecimento das significações por meio da visualidade e colaboram para o reaproveitamento de bases lexicais, valendo-se de processos que favorecem uma economia linguística, visando atender a uma necessidade imediata de referência do falante.

Tendo em vista as especificidades, foi possível aferir que as línguas sinalizadas possuem estruturas linguísticas produtivas que possibilitam, assim, a produção de número infinito de construções a partir de um número finito de regras; conjunto de regras convencionais codificadas no léxico; os princípios pragmáticos que permitem aos seus utentes usar estrutura nos diferentes contextos de modo a corresponder às diversas funções linguísticas do cotidiano (CASTRO JÚNIOR, 2014).

A consequência imediata dos resultados encontrados na pesquisa de Santos (2016) é a necessidade de ampliação dos dados para validar a proposta de um processo de “anclagem lexical” que delimite a combinação paramétrica formante do núcleo morfoqueroológico derivacional em Libras. No atual contexto, pode-se dizer que as pesquisas linguísticas, realizadas até então, no âmbito da Morfologia de Língua de Sinais, estão em expansão. Tem-se a expectativa de que, no futuro próximo, as gramáticas das línguas sinalizadas estejam sistematizadas, de modo que a inserção de novos verbetes no léxico possa ser descrita com informações morfoqueroológicas mais completas.



[FIGURA 2] Sinal de Investimento (1), em Libras



[FIGURA 1] Sinal de Investimento (1), em Libras



[FIGURA] Sinal de Investimento (1), em Libras

Fonte: Acervo pessoal da autora

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

CASTRO JÚNIOR, G. *Projeto Varlibras*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Universidade de Brasília – UnB, 2014.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

FACUNDO, J. J. A formação de novos sinais em Libras a partir do parâmetro fonológico “ponto de articulação”. *Anais. X Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná)*, 2012. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/19331.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica*. Brasília: UnB, 2009.

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais. IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989.

FERREIRA-BRITO, L. et al. (Orgs.). *Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: SEESP, 1998, v. 3.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em Português Brasileiro e em Libras*, 2009.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, ###, n. 298, p. 1569-1579, 2002.

HULST, H. Dependency relations in the phonological representation of signs. In: BOS, H.; SCHERMER, T. (Eds.). *Sign Language Research*, 1994. Munich, Hamburg: Signum Press, 1995: 11-38.

KENEDY, E. *Curso Básico de Linguística Gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LIDDELL, S. K. *Think and Believe: sequentiality in American Sign Language*. *Language* 60, 1984, p. 372-399.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. *American Sign Language: the phonological base*. *Sign Language Studies* 64, 1989.

LUCHI, M. *Interpretação de Descrições Imagéticas: Onde está o léxico?* Dissertação de Mestrado, Programa

de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

MANDELBLATT, J.; FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A.; FAVORITO, W. *Processo de Expansão Lexical da Libras: estudos preliminares sobre criação terminológica em um curso de Pedagogia*. LSI – Lengua de Señas e Interpretación, v. 3, p. 89-102, 2012.

NASCIMENTO, C. B. *Empréstimo Linguístico do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: línguas em contato*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, J. S. *Análise Descritiva da Estrutura Querológica de Unidades Terminológicas do Glossário Letras Libras*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

PIZZIO, A. L. *A Variabilidade da Ordem das Palavras na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira: construção com tópico e foco*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, H. R. *Processos de Expansão Lexical da Libras no Ambiente Acadêmico*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras e Língua Portuguesa, Belo Horizonte, 2016.

VIADER, M. P. F.; PERTUSA, E.; VINARDELL, M. *Importância das estratégias e recursos da professora surda no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita*. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Mediação. Vol. 2, 1999.

ZESHAN, U. *Mouthing in Indopakistani Sign Language (IPSL): regularities and variations*. In: BOYES, P. B.; SUTTON-SPENCE, R. *The Hands are the Head of the Mouth: the mouth as articulator in sign language*. International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf 39. Hamburg: Signum, 2001.